



Espacio Abierto

ISSN: 1315-0006

eabrierto@cantv.net

Universidad del Zulia

Venezuela

Passetti, Edson

Segurança, confiança e tolerância: Comandos na sociedade de controle

Espacio Abierto, vol. 16, núm. 3, julio-septiembre, 2007, pp. 441-456

Universidad del Zulia

Maracaibo, Venezuela

Disponible en: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=12231603>

- ▶ Cómo citar el artículo
- ▶ Número completo
- ▶ Más información del artículo
- ▶ Página de la revista en redalyc.org

redalyc.org

Sistema de Información Científica

Red de Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal

Proyecto académico sin fines de lucro, desarrollado bajo la iniciativa de acceso abierto



Espacio Abierto Cuaderno Venezolano de Sociología

ISSN 1315-0006 / Depósito legal pp 199202ZU44

Vol. 16 No. 3 (julio-septiembre, 2007): 441 - 456

Segurança, confiança e tolerância: Comandos na sociedade de controle

*Edson Passetti**

Resumen

El transito de la sociedad disciplinaria hacia la sociedad del control actualiza los itinerarios de seguridad, confianza y tolerancia. Redimensiona la democracia convocando a la participación e inhibiendo las resistencias. Consagra una multiplicidad de derechos y exige adherirse a los flujos productivos. Tiempo de predominio del trabajo intelectual; de irremediable inclusión y conformismo de los ciudadanos.

Palabras-clave: Sociedad de control, informatización, democracia, trabajo intelectual.

* Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Brasil. E-mail: passetti@matrix.com.br

Safety, Confidence and Tolerance: Commands in a Control Society

Abstract

The transit of a disciplinary society to a society of control updates the itineraries of safety, confidence and tolerance. It re-dimensions democracy, calling for participation and inhibiting resistance. It consecrates a multiplicity of rights and demands adherence to productive currents. It is a time when intellectual work predominates, a time for the irremediable inclusion and conformity of its citizens.

Key words: Control society, informatization, democracy, intellectual work.

Os sustos provocam instantes inéditos na história. Eles são descontínuos. Aparecem quando menos se espera, retiram a pessoa de um estado de tranquilidade, de absorção, de sonho, levando do impacto ao torpor, à embriaguez, ao sono, e educam o assustado a se precaver contra aquele tipo de susto. Provocam ruídos, fazem correr, saltar, gritar, sair do esperado, rir até gargalhar, chorar, atirar-se nos braços desejados, desmaiá, morrer. Os sustos são inevitáveis. Não são poucos e nos pegam. Não cessam: no silêncio uma criança berra, faz explodir uma bola de ar nas suas orelhas, te empurra escada abaixo, com sua ingenuidade e humanidade.

Prevenir pela boa educação é a maneira ética de responsabilizar cada um pelo desassossego provocado com o prazer de assustar, ainda que para isso seja necessário aterrorizar difundindo o medo dos fantasmas, dos sons, dos monstros noturnos, dos esfarrapados, dos pobres que podem te assaltar, dos miseráveis, dos outros. Forma-se um contínuo em que se fica a mercê de uma educação responsável para gerar segurança social e que espera confiantes retribuições. Em nossa sociedade, os pais se encontram no centro confiável das crianças. Com eles inicia-se a aprendizagem sobre a moral superior que zela pela segurança do subordinado e estabelece uma relação de mando e cuidados sobre o inferior obediente. Diante da inevitabilidade dos sustos, incluindo o abuso de autoridade do superior, a sociedade exige a educação para a constante restauração da responsabilidade coletiva, suprindo o exacerbado individualismo egoísta incorporado no tirano, incentivando a tolerante atuação na lida com assimetrias.

A intolerância, por conseguinte, de cima para baixo ou vice-versa, compõe um conjunto totalitário inaceitável. Somente a democracia por meio dos direitos universais, reconhece a assimetria e afirma a tolerância como maneira pela qual os cidadãos e as elites perpetuam o ideal de aperfeiçoamento específico das relações sociais. É tolerando as exceções que se afirmam as regras, os pluralismos, as normas da obediência. Recomenda-se, portanto, de baixo para cima, cuidar para que se evite o tirano, e de cima para baixo, para que se reduzam as assimetrias.

A vida moderna se define garantida com base na crença no Estado com monopólio das armas, exército, polícias, e instituições que previnem, asseguram e cuidam das populações e de suas felicidades, e todo aquele que atentar contra a continuidade do Estado atenta contra a sociedade. Fica estabelecida uma relação de mão dupla de vigilâncias e cuidados do Estado para com a sociedade e desta para com o Estado, cabendo ao cidadão o papel de soldado das garantias. O Estado moderno resulta da confiança dos cidadãos em uma autoridade superior tolerante capaz de lhes dar segurança diante dos perigos imediatos internos ou externos.

Desde o século XIX, a sociedade disciplinar, apesar dos cuidados e dispositivos de seguranças, vivenciou reviravoltas políticas que foram da tirania à democracia, da democracia ao socialismo, do socialismo à ditadura. Do rei como o monstro traidor do povo, configurado pelos efeitos da Revolução Francesa, aos anarquistas, o monstro político moderno foi redimensionado (Foucault, 2001). Agora, inversamente ao rei, os anarquistas, os mostros de baixo para cima, abalam a sociedade disciplinar por mostrá-la produtiva tanto no capitalismo quanto no socialismo.

A sociedade disciplinar criou aperfeiçoamentos de vigilâncias cujos ápices se encontraram na transformação do campo de concentração em campo de extermínio e do vôo panorâmico do avião em fumegante bomba atômica. Ela encurtou distâncias para lucrar e guerrear de maneiras certeiras. Gerou velocidades instantâneas, começou a controlar o espaço sideral e conseguiu produtividades inimagináveis. A cada busca mais desesperada por obediências, diante da iminência de um outro susto, consagrou as necessidades de afirmar um pacificador estratégico temporário, tolerando muitas vezes ditadores como o *mal menor*; dentre eles, fascistas e nazistas. Democracia e socialismo estatal, até a terceira parte do século XX, rivalizaram como forças políticas preponderantes pretendendo afirmarem-se como a verdade verdadeira. Diante da uniformidade de uma com base no pluralismo consagrando a maioria, a outra, ditatorial justificou-se na suposta legitimidade para a realização da justiça social para a totalidade.

A massa, acreditando no poder de redução e supressão de assimetrias pelo Estado, fez da democracia e do socialismo suas religiões do rebanho moderno. Na sociedade disciplinar o espaço preponderante de ocupação dos corpos se efetuou pelo trabalho manual comandado pelo trabalho intelectual. Foi a era das máquinas energéticas. Era das maiorias sob o comando de minorias, de produtividade privada da empresa em conflito com o procedimento estatal, de mercados livres e monopilizados contra Estados intervencionistas e homogeneizadores, de sindicatos em negócios com empresários e Estado, de mecanização e eletrificação, de controles territoriais sobre a população, níveis de escolaridades e saúde, direitos sociais, uma infinidade de idas e vindas que caraterizaram expressões da realização de justiças sociais na iniquidade.

A sociedade disciplinar foi a época da busca de equilíbrio entre produção da riqueza, sua apropriação e gerenciamento de misérias, cujos ápices rivalizaram *welfare-state* e Estado socialista. Sociedade disciplinar foi investimento no corpo produtivo, o corpo que adquiriu vida num momento e que pôde perdê-la a qualquer instante; uma sociedade de vivos e mortos convivendo segundo a produtividade e a docilidade política. Vivo era o produtivo, a verdade afirmada pelo inquérito e a disciplina obtida por meio dos exemplos, dos procedimentos, das prevenções e punições regulamentadas. Nesta sociedade, uma parte viva e *quase morta* recusou a putrefação exigida na vida capitalista. Combateu na luta contra a exploração material e a dominação política liderada por uma minoria *sapiente* -também capaz de provocar sustos-, feita representante dos trabalhadores e miseráveis, portando nova e superior consciência estruturada.

Instalou-se no Estado, pela planificação da economia e consagração do trabalho intelectual, após sua ocupação revolucionária, prometendo levar à dissolução do domínio do capital sobre o trabalho, do trabalho intelectual sobre o manual e da propriedade privada sobre a riqueza social. Despertou a esperança no socialismo de Estado e foi subjugada pela realidade ditatorial. A sociedade disciplinar foi a era das minorias (elites ou vanguardas) governando as massas (pela democracia ou pelo socialismo estatal), segundo a representação formal ou a representação da consciência em movimento, formalizando a luta pela eqüidade (os democratas em nome da igualdade política, os socialistas autoritários em nome da igualdade econômica): eis o arco que deu nos comandos de segurança, confiança e proteção, na continuidade da dominação em que a sociedade disciplinar se manteve diante de sustos democráticos, ditoriais, socialistas e libertários provocados aqui e ali.

Trata-se de um mesmo arco (de regimes políticos), para o mesmo alvo (as massas) e a mesma flecha (partidos políticos), uma continuidade das representações numa era dominada pela linguagem das metáforas. Venceu a sociedade disciplinar, com ou sem revolução socialista, como continuidade em transformação, assimilando os sustos, educando as crianças e exigindo a consagrada obediência.

Itinerários

Michel Foucault interessou-se pelo que veio a caracterizar como sociedade disciplinar, relacionando os posicionamentos nelas exigidos e ressaltando que a dessacralização do espaço não havia acompanhado o processo análogo ocorrido com o tempo na história. Avançou, segundo Gilles Deleuze (1988, 1992), anunciando a sociedade de controle, que desde a segunda metade do século XX, provoca a dessacralização do espaço com a comunicação permanente, a convocação à participação na política e na economia e com a organização com base na disseminação do trabalho intelectual. Se a sociedade disciplinar potencializou a dessacralização do tempo, a sociedade de controle fará desaparecer fronteiras entre público e privado, nação e território, lugar de trabalho e produtividade, homem e cidadão.

A sociedade de controle não abdica das práticas disciplinares, dos funcionamentos por simultaneidade, justaposição, dispersão, proximidade e distância formando redes.

Elas, agora, são redimensionadas segundo fluxos, abolindo as fronteiras conhecidas, pela desterritorialização constante, liberando o trabalhador do confinamento territorial rígido.

Na sociedade de controle o trabalhador, segundo protocolos, poderá circular por outros países independentemente de limites fronteiriços ou permissões circunstanciais. Forma-se uma nova cidadania ampliada sobre a nacional. O trabalhador não está mais confinado a um território segundo a soberania do Estado moderno. Esta foi ampliada, abolindo-se a continuidade de fronteiras, com os Estados nacionais transformando-se em Uniões, como acontece desde os anos 1990. A internacionalização dos trabalhadores ganha nova dimensão como parte da continuidade da internacionalização constante do trabalho, fazendo implodir sindicatos e lutas convencionais. O aparecimento da globalização varre os socialismos para uma nova produtividade com a universalização da democracia, como na Rússia, ou com a manutenção da ditadura, como na China. A sociedade dos limites - como foi a de disciplina em que o poder não ocupava lugar algum, formando situações estratégicas enquanto as resistências atravessavam fronteiras de contornos de classe, grupos, pessoas, instituições e direitos - , demarcava itinerários ca-

racterizando os caminhos possíveis, esperados e recomendados para a boa vida em sociedade. Ela criou positividades de poder, caracterizando-se como uma sociedade diferente da sociedade de soberania que lhe antecedeu e não suprimiu, acrescentando-lhe novos trajetos. Da mesma maneira a sociedade de controle não destrói o que lhe antecedeu: redimensiona o domínio de maneira mais sutil.

A sociedade de controle é uma sociedade de segurança que se pauta num triângulo formado pela reafirmação da incerteza assentada no aperfeiçoamento do inacabado -característica marcante do trabalho intelectual -, pela confiança nos programas- de governo, organizações e computação - e pela tolerância como maneira de lidar com assimetrias e dissemétrias. Funda a era da democracia, da convocação à participação redimensionando a representação por uma plethora de direitos que suprimem os específicos direitos sociais, anteriormente conseguidos (Passetti, 2003). Constrói-se uma vida em fluxos regidos segundo protocolos, uma vida diplomática em que não prepondera mais o Estado diante do exterior, mas em que se afirma o exterior organizado segundo o modelo estatal sobre o interior: era do cosmopolitismo, da hospitalidade aos assemelhados, da crença na paz perpétua, do empírico, da comparação, do pluralismo e do relativismo cultural.

Na sociedade de controle exige-se segurança, convoca-se à participação e demarcam-se novos itinerários (programas) que pretendem orientar o trânsito nos fluxos.

Da mesma maneira que a sociedade de soberania e disciplinar, a sociedade de controle depende de itinerários, de localizadores, agora de terra, mar, ar e do celestial. A representação das partes para garantir o todo combina-se com a participação direta de cada agente económico fazendo com que as negociações se territorializem segundo negociações locais superando as atribuições nacionais dos sindicatos. Na sociedade disciplinar as representações se nacionalizavam; na sociedade de controle exigem-se flexibilidades, combinações de elementos locais com regionais, nacionais e transnacionais. O fluxo produtivo se orienta sem espaços demarcados e a representação política que combinava seletividade eleitoral (partidária) com as demandas organizadas (movimentos), visando influir na governamentalidade, cede vez à participação imediata na produção por meio de criação, aperfeiçoamento ou superação de programas econômicos que se expandem para os fluxos não-governamentais articulados com governos. Os lugares vão dando vez aos fluxos e as redes com seus nós e espaços de localização não são mais lugares característicos por onde atravessam relações de poder e resistências. As redes são elas mesmas atravessadas por fluxos que perfuram nós, vazam dos espaços demarcados, misturam-se a outros fluxos que se atualizam orientando itinerários, formando mapas de relevos de superfícies

e profundidades, e mapas celestiais em que profundidade e superfície se confundem. Não há mais itinerário de ida e volta, apenas fluxos atualizados: nesta sociedade a finalidade é estar no meio e na mídia.

A convocação à participação traz outra novidade. Ela pretende manter hierarquias dissolvendo as resistências, naturalizando as relações de poder como inevitáveis domínios e perpetuar assujeitamentos por novos processos de subjetivação que vão da auto-ajuda à ajuda ao alheio, num espetáculo contínuo de filantropias e de multiplicação das compaixões que pretendem integrar a todos: quem é produtivo, quem é morto circunstancial, a moralidade e a piedade. Os corpos não precisam mais da força e da perfeita compleição físicas: a produtividade exige os comandos do cérebro e seus resultados devem mostrar a saúde e a jovialidade da pessoa. O poder positivo e produtivo da sociedade disciplinar é superado, sem ser suprimido, pelo poder relativista da sociedade de controle, de comunicação contínua, de avaliação constante. A qualquer momento poderá haver algo produtivo emanando de um cérebro. O hacker que hoje abala a segurança dos programas de computador pode ser daqui a instantes o seu anjo da guarda. A operação ilegal que você acabou de praticar em seu computador, será corriqueira e legal com um novo programa. Linguagens de poder e religião se misturam no interior da programação com a mesma destreza que o puritanismo tomou as teorias da administração no século XIX e XX, e a mesma esperteza com que acomodaram as comunicações constantes, a partir de Elton Mayo (Tragtenberg, 1974). Na sociedade de controle, diferentemente da disciplinar, atesta-se democraticamente, que ninguém está morto-vivo para sempre; faz-se crer, pelos mercados e pelas políticas transnacionais, que haverá luz no final do túnel e segurança para todos, desde que haja confiança e tolerância: os fluxos precisam me apanhar, a vida está dentro deles, numa velocidade que exige que você a domine para ser absorvido(a), não se perder no itinerário e cair fora dele.

Os espaços planetários de superfície e profundidade pelos quais os navegadores chegavam na época moderna às descobertas de outros continentes, geravam implicações que oscilavam entre os empreendimentos dos Estados, das companhias e das atuações de corsários, todos guiados pelo barco, singrando os mares, as superfícies lisas, descobrindo e colonizando lugares novos, passíveis de efetivação de uma certa utopia. Eram lugares que se transformavam em territórios, incluíam e dizimavam populações nativas que passavam a viver segundo um governo central. Os programas de conquistas siderais alcançados após a II Guerra Mundial, redimensionaram os locais, as extensões, os posicionamentos, os navegadores e seus protocolos. Agora as pessoas se deslocam para habitar territórios não mais apenas de barcos, navios, submarinos e aviões, mas atravessam con-

tinentes pela informatização, visitam lugares, conhecem pessoas (falam com elas, escrevem para elas, reconhecem-se em movimento) pelo telefone, televisão e computadores móveis. Não há mais lugar para se trabalhar, tudo ficou móvel, em fluxos pelos itinerários da sociedade de controle. O mar cedeu lugar ao ar, o barco ao avião, os foguetes aos satélites e às estações orbitais, a fábrica à empresa, o operário ao funcionário, as multidões de pessoas - distribuídas como fragmentos de massa, pelos espaços públicos, segundo o multiculturalismo, atuando nas praças e na Internet - substituem classes, povos, grupos e massas; cada pessoa está remetida a mais de uma referência simultânea segundo a plethora de direitos e exigências do trabalho: o especialista cedeu lugar ao polivalente, a moral ao moralista e à transcendentalidade da ética. As diversidades dos exercícios múltiplos entre soberano e súditos nos sentidos ascendentes e descendentes de poder, as vigilâncias panópticas criando positividades de poder com base na utilidade do corpo produtivo e sua correlata docilidade política, combinam-se com as infundáveis expectativas de produtividades pela participação que a sociedade de programas, comunicação veloz e convocação constante esperam de cada um. Os itinerários são conhecidos e reconhecidos, situados, redimensionados e atravessados cada vez de maneira mais rápida que a anterior. Cada alfabetizado ou alijado eletronicamente, gera capacidade para ler e acoplar linguagens e nova carência *iluminista*, decodificar secretos enigmas, gerar programas, sabotar.

A sociedade de controle forma infundáveis bancos de dados e nos apinha divisíveis, não mais como população mas como *individualidades*, segundo os fluxos: não se representa mais uma multiplicidade de papéis segundo o posicionamento, mas transformações constantes, metamorfoses de acordo com o programa. Não há mais massa clamando pelo líder e o risco da dissolução do indivíduo. Como multidão, configura-se uma profusão de *indivíduos*, uma multicultural forma de existir como *ser cosmopolita*, que busca saturar a ação com permissões e protocolos. A multidão age segundo os programas, é convocada, encena suas passeatas, atos, simulações, intervenções estéticas que apartam os miseráveis, e depois regressa feliz, segura e protegida para suas residências, por ter seguido diplomaticamente os itinerários, por investir em mudança segundo a ordem. É preciso *outra globalização* (Hardt & Negri, 2000, 2004): este é seu limite. A passeata está incorporada na felicidade geral, ao bem-estar de todos, não assusta mais, não gera riscos e testa programas de segurança. Consagra-se a polícia nas ruas desde a criação dos programas de *tolerância zero* iniciados pelos estadunidenses, nos anos 1980, como política de direito e em pouco tempo incorporado pelas esquerdas estatistas (Wacquant, 2002; Bourdieu, 1998). Ampliam-se as funções de polícia de reprimir e cuidar, punir e prevenir. Ela também passa a

ser uma forma de zelo pela própria conduta, criando-se a polícia da polícia, dedobrando-se vigilâncias.

Na passagem da sociedade disciplinar para a sociedade de controle o *outro* ainda prepara um susto inevitável. Vive-se o tempo em que a passeata e as mobilizações nas ruas devem ocorrer segundo regras acordadas antes entre advogados e polícia; advogados, polícia e mídia; acertos entre governo, organizações não-governamentais e mídia. Correto: a política da correção tem duplo sentido, o da retidão moral e o do itinerário recomendado. Exige-se um viver feliz para além de nós, com mais e mais pastores eletrônicos (do *anchorman* ao líder religioso) desvendando desconhecidos siderais, criando parcerias surpreendentes para a até então diplomacia unilateral da sociedade disciplinar. Não está mais no centro do saber a relação finitude individual/infinidade da espécie. Não há mais o Homem como *identidade* aglutinadora. O humanismo renascido se transfigurou em humanitarismo. A grandiosidade transcendental de um é trocada pela etérea luminosidade dos efeitos midiáticos instantâneos do outro.

Cada um aprende a ser solidário com o que está em evidência, não havendo uma direção a ser seguida (assistir aos pobres, aos doentes e aos abandonados), mas, apenas escolhas sinalizadas pelo acordo filantrópico, sob a forma de *forum temático*, nacional e internacional, com realização de agenda, uma profícua proliferação de velozes celebrações entre governos, mídias e organizações não-governamentais. A era da liberdade e da igualdade cede vez à época da fraternidade.

Não se está mais sob o signo da liberdade negativa do liberalismo impedindo o que consagra a lei. Agora a coisa é pessoal, implica auto-censura, elogio às condutas, reconhecimento dos organizados, culto à ética da responsabilidade como o *politicamente correto*. A política está dentro e fora das instituições governamentais, cumpre itinerários.

Não surpreende mais a noção moderna de política elaborada por Michel Foucault: a política é uma guerra permanente por outros meios, atravessando as existências, definindo comandos e obediências, disciplinando em lugares, e agora também comunicando em fluxos, exigindo polícia, consagrando a segurança. Não há tolerância sem perpetuação de relações assimétricas, e como política correta, a tolerância tem por utopia o zero, a sua própria negação, a intolerância: os termos se misturam, relativizam-se e não se sabe mais o que é uma ou outra; apenas que é preciso perseguir o dissidente, o perigoso, o monstro. No passado recente ficava claro quando um conservador considerava o socialista intolerante; agora eles aprendem entre si e concordam sobre os alvos (Giddens, 1995).

Diante da plethora de direitos, exige-se a denúncia em nome da ética, da moral, da sobrevivência, do *tolerância zero*. Denúncia de vivos sobre vivos, humanos ou natureza representados por organizações. A vigilância por cada um, em nome da sociedade e do Estado para o *corpo sô*. É preciso regras para tudo, uma moral sólida regida por éticas reponsáveis, aplacando os susstos: é preciso seguro diante da *aids*, do pedófilo, do sexo. O relativismo prepondera pacificando o sexo em casamentos indiscriminados entre heterossexuais e homossexuais ou homoeróticos. O sexo não está mais excluído como afirmou Foucault, em *A ordem do discurso*. Ele deve estar incluído, transitar livremente, desde que pacificado e policiado, como se fosse possível cessar a transgressão, o que permanece surpreendente, o susto. Espera-se tolerar o que for possível acomodar, identificando e combatendo os outros, os monstros.

Buscam-se parcerias e potencializações do finito-ilimitado (do indivíduo dimensionado como *dividualidades*, envolvido com nanotecnologias de cura e reprodução), provocando controle dos fluxos, demarcando interfaces, confirmando múltiplas diplomacias, pluralismo político, valorização da participação em todos os empreendimentos em nome da colaboração e da tolerância, tendo por meta conter sabotagens e aperfeiçoar itinerários. Sociedade de controle é sociedade de segurança, de confiança nos programas, de tolerância, veloz e inacabada; consagrando o ideal liberal da razão competente e da *sociedade aberta*, o liberalismo conservador pluralista, o comunismo de multidão.

Assujeitamentos

Sabemos desde tempos remotos que os itinerários são possíveis de registros em diversos objetos e que estes funcionam como mapas. Ali encontramos os desenhos que mostram, segundo as sociedades, os caminhos para se chegar a um *lugar* ou até mesmo às suas características mais precisas naquele momento. O conhecimento acumulado e sintetizado no mapa envolve distâncias, relevos, regime dos ventos ou marés, múltiplas referências sinteticamente condensadas em signos e escalas, mostrando os itinerários de deslocamentos em direção a lugares, segundo critérios universalizantes ou singulares códigos aguardando decifradores. Os mapas são corrigidos à medida do uso, remetendo à precisão e facilitando alcançar o alvo. Saberes específicos se acumulam para realizar a tarefa de traduzir a versão atual do itinerário inicial num outro objeto de uso durável, próximo à perfectibilidade. Mapas desta natureza nos levam a lugares conhecidos e também ao ponto de inflexão para uma nova descoberta. O objetivo de suas existências e permanências está na criação para o uso de uma cartografia geral do planeta, na qual se encontram outras múltiplas e parciais cartografias como a dos

países, das cidades, dos bairros, dos seus rios, correios, fábricas, postos de assistências, delegacias, prisões, cemitérios, escondidas armas de dizimação em massa, armazéns de armamentos regulados por tratados internacionais, sistemas circulatórios, zonas de infecção e peste.

Os mapas se multiplicam, compartimentalizam informações e estão dispostos segundo regimes de poder de manuseio, leituras e decifrações de segredos. A cartografia de itinerários funciona também para controle de população, prática de Estado e de biopoder contemporâneo.

Na sociedade de controle o corpo da população deixa de ser o alvo do Estado. Não se pretende mais dele extrair, pela disciplina, o máximo de energias econômicas para reduzir as forças políticas de resistências, esperando docilidades. Persegue-se a convocação à participação numa velocidade capaz de suprimir resistências, integrando a todos. Uma nova era de produtividade toma a dianteira e se desloca para o interior do corpo, para os nervos, superando a mecânica industrial para afirmar a programática computacional. Deslocamento da subordinação do trabalho manual pelo trabalho intelectual de planejamento, de domínio no capitalismo e no socialismo, para a primazia do trabalho nervoso, pessoal, narcisista, em que o trabalhador é chamado a atuar como criador, obtendo a materialidade da transcendência. O trabalho intelectual não mais organiza o trabalho manual, mas o dissolve em robótica e em computação. No limite -se for possível falar em fronteiras na sociedade de controle - permanece inabalada a noção de política como guerra prolongada por outros meios, acrescida, a partir de agora, da difusão da iminência da paz eterna a ser conseguida pela afirmação das práticas democráticas no trabalho e na política. Imateriais saberes convocam cada um a participar na economia política dos fluxos, em que os territórios demarcados são superados pela desterritorialização constante. Aos poucos a autoridade localizada na hierarquia em pessoa ou procedimento burocrático é substituída pela atuação nos programas, revitalizando-os, criando novos, ou apenas utilizando aplicações, estabelecendo itinerários no interior de uma economia intelectual. Se no passado a lógica exigia excluir, agora a miséria criada pela riqueza (em todos os cantos do planeta) e docilizada pela democracia (ou pelas tiranias religiosas) é incluída: não estamos mais num processo de formação da riqueza das nações ou das classes, mas numa potencialização da riqueza planetária; não mais guerra das raças ou luta de classes, mas convivência na cidadania (o paradoxo que mantém o outro como o mesmo). O outro não é mais o selvagem, o bárbaro, o oriental, mas o indivíduo ou grupo subversivo que reafirma para o civilizado a resistência à sua inferioridade diante dele. Trata-se do efeito da retórica relativista da pacificação, consagrando a proliferação de guerras rápidas e devastadoras, por meio de agenciamentos de organizações internacionais, mobilizações de organizações nãogovernamentais, bravatas de políticos de Estados inexpressíveis,

associações de forças estatais para rivalizar com a força do Império. Há guerra e inevitavelmente guerrilhas, eternas batalhas de extermínios em nome da democracia, dos direitos, da tolerância, da segurança (na sociedade disciplinar contra as armas nucleares, na de controle, inaugurada com a guerra de prevenção contra armas biológicas), do cidadão.

A inclusão não se dá apenas nas circunvizinhanças entre legalidade e ilegalidade como na sociedade disciplinar, segundo a lucratividade da segurança, transformada não mais em locais de controle de zonas que iam da polícia ao exército. Convocado a participar, cada cidadão é intimado a denunciar, vigiar, defender bens e valores. Uma moral de civilidade cosmopolita se forma e fortalece, exigindo ética de responsabilidades acrescidas de cuidados com os outros e zelo pela conservação de seus bens e saúde. É preciso policiar: com guardas armados, comunitários, programas de segurança nas periferias e nos computadores; policiar a si próprio para poder ascender, cuidar do outro para ele vir a ser *incluso*, proteger-se das balas e dos vícios, rejuvenescer. Recomenda-se policiar o próprio corpo porque na sociedade de controle exige-se jovialidade, sorriso, bem-vestir, polimento, o elogio ao *outro* como forma de prestígio obtido e reconhecido, nivelamentos trazendo cada outro para próximo de si, humanitariamente. Hermes precisa encurtar distâncias com velocidade. Não há mais mapas ou itinerários registrados em objetos. Os caminhos são traçados de maneira efêmera pelos fluxos e a cartografia é cada vez mais móvel tanto quanto os mapas se tornam minuciosos em pormenores, do planeta às bactérias.

Da mesma maneira que a economia vai da superfície e profundidade ao espaço celestial, os surpreendentes momentos siderais e os sustos imprevistos é que ensinarão a elaboração de novas cartografias. A sociedade de controle nos convoca a participar democraticamente da economia dos programas. Ela nos faz acreditar que cada um detém o domínio da produção, numa fase, num instante, o saber do poder. Ao nos levar a constatar que participamos diretamente na construção da produção aparece a perplexidade diante do risco de subversão, lado a lado ao incentivo à participação democrática. Inevitabilidade do susto e eficácia de contenção se rearranjam. A participação deve ser vivida *por todos*, redesenhando a igualdade política liberal e a igualdade socialista de acesso aos meios de produção, como igualdade de acesso à dinâmica produtiva. A participação é para todos porque *todos* podem ser acionistas, investidores, inventores.

O inabalável poder da estatística como poder de Estado sobre a população permanece incólume, aperfeiçoado pelos diagramas e pelas projeções que podem ser reelaboradas a cada efeito surpreendente. Da mesma maneira permanece a propriedade sobre os meios de produção. Seguem, na sociedade de controle, outros assujeitamentos que acoplam punições e dis-

ciplinas, prisões e liberdades assistidas, manicômios e hospitais-dia, amputações e próteses, abulimias e flacidez, drogas ilegais e drogas medicadas, psicanalistas, psicos, socios, antropos, disciplinares; inter, multi, trans, pluralistas prefixos para designar uma reforma constante nas relações de saber e poder.

Estado e organizações não-governamentais ajustam objetivos, interesses, negociações e domínios, caracterizando a era da vida fundada na confiabilidade nas reformas, na tolerância com os programas governamentais escolhidos democraticamente por eleições regulares, na busca de segurança na polícia, no exército, no sindicato, no patrão, no chefe, no pastor, na casa, como elogio à fidelidade, o ideal de felicidade.

Nesta sociedade, espera-se por silêncios, sorrisos, sussurros, acertos, gestos omedidos, assentimentos, negociações abafando discordâncias, confiando em segurança nas instituições e consagrando a tolerância. Nela, deve-se evitar o berro, a gargalhada, a contestação, o desassossego, o incômodo. A algaravia proletária da sociedade disciplinar definitivamente está pacificada: o ouvir está normalizado pela escuta, o grito pelo gemido. As empresas estão limpas como o hospital, como a oficina de aviões, navios e automóveis, os espaços de guarda de computadores, a escola eletrônica (que acomoda ensino, cultura corporal, dinâmica local, procurando pelo efeito da participação imobilizar a população no local, gerando a crença que não há nada melhor do que melhorar o lugar onde se mora, fazendo da periferia autênticos campos de concentração sem arame farpado), a base de lançamentos de satélites, tudo limpo, habitado não mais pela fuligem, graxa e lama, mas, agora, por bactérias e vírus. A sujeira permanece lá longe de onde se reciclam esgotos e lixos, nas periferias onde moram pessoas com as espelunca dos seus equipamentos sociais. O mundo do trabalhador intelectual é seguro, vigiado eletronicamente, comandado por programas informacionais, divertido segundo a televisão a cabo, rápido e ágil de acordo com a produtividade computacional que torna quase tudo obsoleto em pouco tempo, repleto de sincretismos religiosos e musicalidades, feito para um cidadão cosmopolita.

Velocidade. O falso é também vitorioso. Como parte constitutiva também relativiza: a roupa de grife para quem tem, com falsa etiqueta para quem tem menos.

Novos piratas atacam nas praças, nas feiras e nos computadores derramando cópias, abalando a segurança e exigindo seguradoras de seguranças. Nesta sociedade importa parecer igual e para tal a igualdade se explicita pelo direito universal à diferença caracterizando a nova uniformidade. Ninguém é mais classe, isso ou aquilo, é cidadão, multidão. A sociedade de controle inclui, ainda que você jamais chegue a desconfiar que *está dentro* permane-

cendo fora. Assujeitamentos são intermináveis capturas de nós mesmos e auto-censura, fazendo cada um súdito de si, do outro, do que inibe o auto-governo. É preciso crer que dependo do outro, da sua superioridade, da nossa capacidade de reformar, de obter uma cidadania universal. De ser trabalhador com as territorialidades expandidas segundo a superioridade de povos europeus, nivelamento entre sulamericanos, daqui deste lugar no Brasil, na América do Sul, no hemisfério Sul, transitando como capitais via fluxos eletrônicos, mas ainda limitado segundo a territorialidade soberana do Estado do Brasil ou da União Européia. Como trabalhador da União Européia sou mais livre que antes, minha prisão voluntária tem outros muros que não são os das cercas eletrificadas, ou do território nacional, do derrubado vergonhoso muro de Berlim ao fortalecido muro que separam Estados Unidos do México. Os trabalhadores do Brasil também beneficiam-se desta conquista. Eles têm ampliado seu espaço territorial *livre de ação*, segundo a procedência nacional de seus antepassados imigrantes, fazendo soar uma complementar mistura de direito universal e direito de herança, reafirmando o privilégio: o descendente de europeus tem mais liberdades de trânsito que os demais, ainda que permaneçam sob o controle *universal* das emissões de passaportes, vistos, permissões. Os descendentes de escravos adquirem vez por meio de políticas *afirmativas* (distribuindo cotas para acesso a bens culturais); e, enfim, redimensiona-se o pluralismo que no passado se ajustava a relações entre etnias, raças e religiões como aglutinadores de indivíduos livres. O liberalismo conservador se metamorfoseia em neoliberalismo, liberalismo social...

A vida desterritorializadora redimensiona fronteiras. Não é só território, nem corpo produtivo e obediente o que importa na sociedade de controle. O planeta é o corpo a ser preservado pelos trabalhadores saudáveis atendidos pelos seus respectivos seguros (propriedade, saúde, vida...). A prevenção geral entre humanos desloca-se, então, para o planeta: selvagem e civilizado passam a compor o duplo complementar. No mundo do espaço celestinal, a biopolítica cede lugar à ecopolítica. Tudo se desloca para relações complementares entre o exterior e o interior. O investimento do Estado deixa de ser na produtividade do corpo. Ele agora destina-se ao corpo saudável, intelectual e a *cuidados* do planeta no cosmos. De resto, organizações não-governamentais e filantropias administraram o que restou. Se os trabalhadores intelectuais participam diretamente no mundo dos programas, os demais participam pela crença na reforma, na melhoria das condições de vida. Enquanto a economia globalizante atravessa o planeta, o cidadão *comum* fica parado, pregado no chão diante da televisão, formando a grande multidão diante da TV, o panóptico invertido. Para alguns, vida longa, *chips*, alterações genéticas, novas *tecnologias*. Para os demais o lixo do silício. Os assujeitamentos na sociedade de controle formam subjetividades que defendem se-

gurança, no limite da tolerância zero, lá na periferia, onde continua nascendo o pedreiro e o presidiário, o infrator e o perigoso, o crime e o *delinqüente*, o seguidor do pastor, o pobre mortal voltado para a auto-ajuda, para receber ajuda, para ajudar, a pessoa atravessada pelas regras do obsoleto itinerário. É pela confiança na superioridade do outro, nos protocolos, que seguem os condutores, que desestabilizam democracias pela possível reemergência da ditadura. De fato, a sociedade de controle traz a democracia para a produção, os fluxos econômicos como mercados, nos moldes liberais. A democracia política fica restrita aos efeitos relativos, midiáticos e de sondagens, atestando a eficácia dos objetivos dos *regimes autoritários*, instituídos por meio de golpes de Estado, desde os anos 1960, que prometiam normalidade democrática.

Diante disso se interpuseram imprevistos gerados pelos efeitos de guerra, como intolerâncias transnacionais (a repercussão da tolerância zero em âmbito internacional), redesenhando a intolerância ocidental do passado que se fundamentava na negação do socialismo; agora, na sociedade de controle, ela se projeta pelos intransigentes grupos anti-americanos armados vindos do oriente, com forte inspiração religiosa, que compõem o arco que vai dos palestinos ao terrorismo sideral inaugurado com o episódio de 11 de setembro de 2001 contra o símbolo capitalista, as torres gêmeas do World Trade Center.

Silêncios

Silêncio, a música que emana deste ambiente é a do dedilhar no teclado do computador. Silenciosos e solitários eles navegam pela Internet, trabalhando e se divertindo, estudando e conversando, produzindo e participando, vigiando e assegurando protocolos confiáveis. Tolerantes, assistem invasões por vírus, acionam seus programas de segurança, clinicam os computadores. Mas não há só o silêncio decorrente dos ruídos provocados pelos dedos suavemente sobre o teclas. Há também múltiplas sonoridades musicais e visuais celebrando a continuidade solitária. Tudo muda rapidamente para parecer mais novo, ágil, jovial e completo: a voz está incorporada ao comando, brevemente a pele e os nervos, o calor, o hálito, o estalido. Sobre este silêncio e esta solidão irrompe a musicalidade anarquista de John Cage (Ferrua, 2003), resistências. Sem a musicalidade do silêncio para estancar e surpreender só há fluxo a atravessar, como uma adaga que penetra o peito, gira 180º, e ao sair deixa uma mortal hemorragia; como uma bactéria que invade o seu interior burlando mapas, desviando de antibióticos, destruindo.

Isso é pouco mais que um susto, uma sabotagem. Um silêncio é um susto.

Referencias Bibliográficas

- BOURDIEU, Pierre (1998) De l'État social a l'État penal, **Actes de la Recherche em Sciences Sociales**, Paris: Seuil, n. 124.
- DELEUZE, Gilles (1988) **Foucault**, São Paulo: Brasiliense.
- DELEUZE, Gilles (1990) **Conversações**, São Paulo: Editora 34 Letras.
- FERRUA, Pietro (2003) John Cage, anarquista fichado no Brasil, **Verve**, São Paulo, Nu-Sol-Núcleo de Sociabilidade Libertária do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP, n.4, Pp. 20-31.
- FOUCAULT, Michel (2001) **Os anormais**, São Paulo: Martins Fontes.
- FOUCAULT, Michel (2001a). Outros espaços (1967) In MOTTA, M.B. (org) **Ditos e es-critos. Estética: literatura e pintura, música e cinema**, Rio de Janeiro: Fo-rente Universitária, v.III, Pp. 411-422.
- GIDDENS, Anthony (1995) **Para além da esquerda e da direita**, São Paulo: Editora Unesp.
- HARDT, Michael & NEGRI, Antonio (2000) **Império**, São Paulo: Record.
- HARDT, Michael & NEGRI, Antonio (2004) **Multitude**, New York: Penguin.
- PASSETTI, Edson (2003) **Anarquismos e sociedade de controle**, São Paulo, Cortez Editora.
- TRAGTENBERG, Mauricio (1974) **Burocracia e ideologia**, São Paulo: Ática.